



GT – “15”: “Práticas Culturais na Produção da Cidade”

A PIXAÇÃO E O GRAFFITI NA REPRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: ESTUDO DE UMA CIDADE MÉDIA

Autor(01): Brenda Letícia de Paula Muniz

Filiação institucional: Universidade Federal de Alfenas

E-mail: brenda.muniz@sou.unifal-mg.edu.br

RESUMO: As pixações e graffiti presentes no cenário urbano correspondem a uma das formas pelas quais os sujeitos podem interagir com a cidade para além da sua condição de trabalhador. Buscando explorar como essas práticas culturais participam da reprodução do espaço a partir das inscrições de tags, frases de cunho político e grafias oriundas de referências internacionais, a pesquisa procura caracterizar a como a pixação e o graffiti estão se apresentando na cidade de Alfenas-MG. A pesquisa procura romper com a vinculação da pixação como prática de vandalismo a partir da consideração de que essas atividades proporcionam diferentes modos de se viver na cidade.

Palavras-chave: Pixação, Graffiti, Cidade média

1. INTRODUÇÃO

As práticas culturais espacializadas na cidade são constituídas a partir do enlace das relações de ordem social, política e econômica onde os sujeitos encontram no espaço meios para expor suas identidades mediadas pelas expressões artísticas. Os estudos que procuram se debruçar sobre a produção espacial das cidades e as formas pelas quais os sujeitos interagem entre si e com o espaço geográfico perpassam pelas manifestações de cunho cultural como elemento constitutivo da produção da cidade, sua paisagem e dos sujeitos que compõem tal realidade.

O arranjo espacial das cidades decorre das transformações dos modos de produção, onde se reverberam as marcas das sociedades localizadas no tempo e espaço. A partir dessa consideração, a análise das interações sociais constituídas de natureza material e imaterial

oferecem um cenário possível de ser interpretado espacialmente por meio das práticas culturais intrínsecas na paisagem das cidades.

A análise de elementos materiais constitutivos da realidade se fazem necessários quando se pretende discutir a espacialidade das expressões culturais, tais como o porte das cidades, níveis de segregação socioespacial e a própria paisagem que se modifica cotidianamente. Assim como a consideração dos elementos materiais, destaca a importância de compreender como a realidade imaterial e simbólica também participa do conjunto espacial, como as subjetividades, identidades, intencionalidades e símbolos que representam a figura dos sujeitos enquanto na qualidade de produtores da materialidade.

Considerando os níveis de interpretação acerca das formas de expressão cultural inseridas na cidade e que (re)produzem esse espaço, o trabalho procura dialogar como a pixação e o graffiti participam da paisagem urbana criando territorialidades por meio da apropriação das estruturas que compõem o tecido urbano. Nesse sentido, a investigação acerca das diferentes formas de expressão intrínsecas nas práticas dos sujeitos são consideradas a fim de apreender um cenário que permita agregar esses grafismos como elementos constitutivos da produção das cidades.

Para realizar o levantamento qualitativo acerca da espacialidade dos pixos e graffitis, procura-se analisar como essas expressões se apresentam na cidade de Alfenas-MG, localizada na região sul mineira, onde se verifica um aumento desses símbolos na composição da paisagem, no período compreendido entre 2019 a 2024. Como parte dessa análise, o recorte espacial e temporal se faz necessário para compreender as singularidades da pixação e do graffiti na cidade de Alfenas-MG que se comporta na sua região enquanto cidade média (AMORIM FILHO, 2007).

Como parte das problemáticas levantadas no trabalho, procura-se resgatar a historicidade da pixação no Brasil que teve início na década de 1960, contexto da ditadura militar, e que apresentou uma significativa transformação na composição das grafias e símbolos desse período até os dias atuais. Junto a esse processo, ocorre uma diferenciação nas intencionalidades de marcar os muros da cidade que gradativamente vem sendo tomado como espaço para difundir assinaturas individuais ou de grupos, salvo as exceções verificadas mais recentemente na cidade de Alfenas-MG.

A partir dessas considerações que exigem uma aproximação das interações entre sujeito e espaço, a discussão das esferas pública e privada se torna parte da pesquisa que

procura contextualizar como as expressões culturais participam da produção espacial, visto que há uma diferenciação no processo de regulação social exercida pelo Estado e instituições privadas. Nesse sentido, o trabalho tem o propósito de compreender como essas esferas se espacializam e ordenam os modos de se viver na cidade, bem como difundem ideologias que constroem a visão coletiva a partir da qual discerne aquilo o que é belo ou não.

Partindo dessa visão reguladora do espaço público e privado, destaca-se a pixação e o graffiti como meios alternativos de vivenciar o espaço. Como ressalta Carlos (2014), a lógica de organização das cidades está voltada para a dinâmica do sujeito utilizar o espaço praticamente como classe trabalhadora, essa prática, de acordo com a autora, reduz a vida cotidiana a uma alienação que distancia o sujeito dos diversos usos da cidade, uma delas é a capacidade do sujeito se expressar por meio de suas práticas culturais.

Desse modo, por considerar a pixação e o graffiti como elementos produtores da paisagem urbana, assim como outras expressões artísticas das quais os sujeitos se apropriam e expõem cotidianamente, o trabalho procura romper com a noção de vandalismo atualmente vinculada à prática da pixação, pois considera que a prática social material e imaterial dos sujeitos compõem a realidade na esfera do vivido e dessa forma, torna-se campo possível de entendimento a partir da Geografia.

2. METODOLOGIA

A pesquisa possui caráter investigativo e exploratório acerca das expressões culturais que se materializam na cidade de Alfenas/MG, sendo o enfoque voltado para a análise da pixação e do graffiti enquanto produtores da paisagem na cidade, onde os atores fortalecem suas identidades à medida que marcam suas assinaturas nas diversas estruturas da cidade. Como exemplo, verifica-se a presença dessas expressões em praças, fachadas de prédios, pontos de ônibus, muros e demais infraestruturas que compõem a cidade.

Por meio de referências teóricas que discutem o direito à cidade e as diferentes formas pelas quais os sujeitos interagem com o espaço, procura-se explorar como as contradições permeiam as relações do interpessoais e estas com o meio, fazendo com que a análise dos pixos e graffitis seja apreendida numa perspectiva dialética. Por esse viés, Garcia (2016) destaca que a pesquisa bibliográfica procura acrescentar novas visões acerca dos

estudos, conceitos e dinâmicas já explorados, visando contribuir para a sistematização do tema em questão.

Como parte integrante do processo de desenvolvimento da pesquisa, o trabalho de campo foi realizado a fim de verificar os espaços públicos e privados que estão sendo ocupados na cidade de Alfenas-MG. Esse momento de observação viabiliza a reflexão sobre os tipos de grafismos que estão se proliferando na cidade, a altura dos pixos que vêm mostrando uma maior verticalização, assim como identificar os sujeitos pixadores pelas assinaturas.

A partir do levantamento bibliográfico foi verificado que a maioria dos trabalhos sobre pixação, graffiti e as demais marcas que os sujeitos inscrevem na paisagem são análises sobre a dinâmica de grandes cidades, onde há uma ampla variedade de estilos e tipos de apropriações. Como forma de caracterizar esse fenômeno e buscar entender quem são os sujeitos que se apresentam na cidade de Alfenas-MG por meio dos pixos e graffitis, a pesquisa se mostra relevante na medida em que busca entender como essas práticas estão se espacializando numa cidade de porte médio, onde há uma diferenciação relevante na elaboração desses grafismos se comparado aos estilos presentes em cidades de outros portes.

A escala temporal adotada para a realização da pesquisa faz seu recorte nos anos entre 2019 e 2024, quando se verifica uma proliferação de assinaturas (tags) nas áreas central, pericentral e periférica. Acompanhando esse aumento, foi possível verificar uma transição e coexistência entre pixos e graffitis na cidade, que em 2019 apresentava uma predominância de pixos e em 2024 há uma diversidade desses grafismos nas diversas estruturas da cidade, sendo muros, prédios, barracões e casas abandonadas.

O uso de mapas e figuras que se utilizam no desenvolvimento do trabalho compõem elementos que auxiliam o leitor na compreensão espacial da prática que se destaca e, portanto, ajudam na apreensão dos diferentes tipos de pixação e graffiti coexistentes na paisagem da cidade de Alfenas-MG. Além disso, apresenta fragmentos de uma conversa realizada com trabalhadores da prefeitura para compreender como as esferas pública e privada se unem na intenção de cobrir os pixos numa das praças da cidade.

3. DISCUSSÃO

A compreensão da espacialidade do pixo e graffiti na condição de produtores da paisagem urbana exige uma aproximação com os aportes teóricos metodológicos propostos por autores que abordam como as contradições estão materializadas no espaço urbano. A partir das contribuições de Corrêa (1989), é possível compreender o espaço enquanto uma fragmentação do conjunto de elementos que compõem a cidade, tal como as áreas residenciais, de produção e serviços, lazer e demais funções que, articuladas, compõem o arranjo espacial que se apresenta na realidade imediata.

Assim como é possível observar a organização material que se expõe diariamente na forma pela qual os espaços são apropriados e reproduzidos pelas relações de ordem social, política e econômica, as interações de natureza imaterial também se manifestam na organização funcional do espaço. A circulação de capital, conhecimento, ideologias, decisões e demais relações que interagem entre si, engendram o espaço segundo a conduta dos sujeitos e os modos de se existir e coexistir na cidade. Dessa forma, Corrêa (1989) sintetiza que a noção de espaço urbano é construída a partir da materialidade das relações entre a sociedade, sendo portanto, reflexo e condição dessa esfera.

Como parte da produção do espaço conforme as relações mediadas pelo sistema capitalista, torna-se viável sua discussão a partir das contradições espaciais mediadas pela construção da sociedade em classes. Nesse sentido, toma-se como categoria elementar a divisão em classes e estratos para compreender como a cidade se organiza espacialmente e as relações inerentes no processo de produção urbana. Carlos (2014) expõe que a lógica da acumulação do capital, permeando os diversos âmbitos da sociedade, gera uma fragmentação socioespacial cada vez mais acentuada, onde a realidade se expõe como um produto da reprodução capitalista marcada pela segregação.

Com a noção de espaço cada vez mais fragmentado e subordinado à reprodução do capital, onde a especulação imobiliária se faz presente na valorização diferenciada da cidade, as relações sociais se articulam ao urbano enquanto engrenagem que condiciona os indivíduos a vivenciar a cidade somente na condição de classe trabalhadora. De acordo com Carlos (2014), a inércia dessa vida cotidiana é dotada de uma alienação que reduz

a existência num tempo programado, no qual a satisfação humana se realiza no consumo obsessivo de objetos e nas interações mediadas pelas mídias sociais.

A vivência cotidiana é organizada por códigos, sinais e signos que compõem a paisagem e possuem significados que orientam e condicionam os sujeitos a exercer determinados comportamentos para vivenciar os espaços, tais como semáforos, placas de sinalização e circulação. Todo esse conjunto organizado na paisagem procura reger a experiência na cidade, e como meio de aplicação, perpassa pela lógica de produção e sustentação do modo capitalista de acumulação. Tendo em vista realizar outra interpretação acerca das formas pelas quais os sujeitos interagem com o espaço, (re)produzindo-o conforme suas necessidades sociais de contato com a cidade e demais sujeitos, destaca-se a pixação e o graffiti como práticas culturais que vão na contramão do uso do espaço somente enquanto funcionalidade e meio de exercício da classe trabalhadora.

A partir da análise que se pretende realizar acerca das apropriações dos muros da cidade por meio de pixos e graffitis, torna-se viável a considerar sua materialidade através da conceituação de território por Sack apresentadas por Haesbaert (2011). De acordo com o autor, o território corresponde ao espaço delimitado onde se projetam relações de poder envolvendo as estratégias de indivíduos e/ou grupos, não sendo algo estático ou incapaz de ser recriado em outras localidades. Sua espacialidade, portanto, possui característica flexível onde um local pode ser utilizado como território para a realização de diversas funções.

Visando compreender como as práticas culturais aqui destacadas participam do processo de produção urbana, torna-se necessário contextualizar Alfenas-MG como uma cidade de porte médio para vislumbrar um cenário passível de interpretação onde esses grafismos vêm se observando com mais intensidade. Dessa forma, utiliza-se as contribuições de Corrêa (2007;2017), Sposito (2017) e Amorim Filho (2007) como fontes de um referencial que abarca os níveis conceituais de uma cidade média, considerando o processo de desenvolvimento histórico que permita realizar uma análise concreta dos fatores de ordem social, econômica e política e contribuem para a consolidação desses níveis de cidade.

Para contextualizar a área de estudo onde a pesquisa está se desenvolvendo e como meios de espacializar a cidade em seu cenário regional e local, o trabalho analisa Alfenas-MG na condição de cidade média que possui uma atratividade central no contexto regional. Nesse sentido, o setor de serviços, saúde, educação e circulação se destacam pela

presença de duas instituições de nível superior, a Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e Universidade Prof. Edson Antônio Vellano (UNIFENAS), hospitais públicos com alta tecnologia, rodovias de ligação com as demais cidades e um setor de serviços especializados. Todas essas funções contribuem para que a cidade organize sua malha regional na posição de Região Geográfica Imediata de Alfenas, segundo o IBGE (2017).

De acordo com Corrêa (2017), a cidade média deve ser compreendida como parte de uma rede urbana que desenvolve relações entre cidades de diferentes portes, com isso, possui níveis de conceituação relativos para sua definição. Entre os elementos que participam dessa caracterização estão “as funções urbanas, as relações espaciais externas e o papel das elites locais e regionais na vida econômica e política da cidade” (CORRÊA, 2017, p. 30). É nesse contexto de desenvolvimento e enlace entre diversas variáveis que se insere a área estudada.

Alfenas-MG possui uma população residente próxima a 79 mil habitantes e uma área de 850 km² de acordo com o IBGE (2022). A partir do avanço da desconcentração industrial para as cidades de porte médio, verifica-se uma reorganização do espaço urbano, bem como das políticas municipais que ofertam incentivos fiscais para o estabelecimento de empresas internacionais no território, dessa forma, as funções desempenhadas na cidade aos poucos ganham novas dimensões.

Abaixo, a figura 1 procura situar a cidade em seu contexto regional a fim de proporcionar uma visualização que auxilie o entendimento da conjuntura que se apresenta:

A ocupação dos bairros da zona Oeste onde o valor dos terrenos possui um valor mais acessível se iniciou por volta da década de 1990 com a ida de pessoas que foram induzidas a sair da zona Sul, onde o preço para moradia aumentou devido à instalação da UNIFENAS e a procura de estudantes para residir nessa área. Nesse mesmo período já se verifica uma ocupação da porção Leste por moradores onde o poder aquisitivo é mais elevado, sendo particularidade do bairro Jardim Aeroporto (BRANQUINHO, 2023). Entretanto, mesmo com essa expansão verifica-se que na zona central a presença da elite se impõe, organizando um espaço onde prevalece o valor de troca.

Na década de 2010 houve um expressivo crescimento sobretudo nos bairros da zona Oeste onde estão localizados o Santa Clara e Pinheirinho, que se destacou a partir da instalação do campus II da UNIFAL. No mesmo cenário, o aumento de condomínios fechados na porção Leste intensifica a concentração dos moradores onde há semelhança na camada social de maior poder aquisitivo.

Essa diferença nos tipos de uso do solo para as habitações, também se expande para a diferença na forma pelas quais os sujeitos utilizam desse espaço para inscrever nos muros os pixos e graffitis. Os grafismos presentes nas estruturas da cidade de Alfenas-MG se apresentam de forma diversa em suas características de elaboração indo desde o pixo com letras retas, pontiagudas e, geralmente, feitas em uma única cor, até aos graffitis que possuem letras arredondadas, com sombras e uma diversidade de cores em sua composição. Entretanto, nesse espectro que se apresenta inicialmente somente com dois tipos, é possível verificar assinaturas compostas de elementos que se aproximam das duas categorias citadas, sendo o caso do “grapixo” e “bomb”.

A história da pixação no Brasil remonta à década de 1960, mais precisamente durante a ditadura militar, quando os muros da cidade foram alvos de frases com efeito político contrários ao regime vigente no país. Um desses símbolos pode ser retomado pelas expressões “abaixo a ditadura” e “celacanto provoca maremoto”, esta última mais vista no Rio de Janeiro (PIRES, 2019). Frente à censura da época ditatorial, as pichações foram proibidas pela Lei de Segurança Nacional em 1967 enquadradas no artigo sobre propagandas subversivas (PIRES, 2019). Com o passar dos anos a pixação foi ganhando novas funções para além de denúncia a momentos políticos, como é possível verificar atualmente o uso dessa escrita para dissipar as assinaturas que sintetizam uma identidade individual e/ou coletiva.

Atualmente a Constituição Federal enquadra a pixação no artigo 65 como crime ambiental (Lei nº 9.605/1998), sob pena de três meses a um ano, e multa. Esse período pode variar se o ato for cometido em monumentos ou imóveis tombados, em razão do valor cultural histórico.

Entretanto, ao destacar essa pichação que contém um sentido político mais explícito no desejo de expressar a revolta popular frente às repressões militares, a pixação da qual se apresenta como objeto de estudo se revela como motivadora de outros fatores, sendo a desigualdade socioespacial, o desejo de ser visto e a possibilidade de usufruir o espaço contra hegemônico, as principais justificativas para tal fenômeno.

Da mesma forma que há uma ruptura entre os tipos de pixo realizados anteriormente em comparação aos da atualidade, a conotação do termo “pixação” sofre uma relativização na qual Pires (2019) destaca que a principal cisão decorre de uma análise temporal e aqui, se acrescenta a intencionalidade como fator preponderante na diferença do emprego da palavra. Enquanto no período ditatorial, assim como atualmente é possível verificar nos muros, os pichos são elaborados com a finalidade de passar uma mensagem direta e facilmente entendida a partir do uso de letras do alfabeto convencional.

Por outro lado, a pixação se diferencia na criação de uma linguagem própria, que sintetiza uma identidade, apoiando-se num alfabeto criado pela comunidade de pixadores na intenção de marcar sua presença no espaço. Apesar de não haver diretamente uma manifestação política que sintetiza o descontentamento a um fato específico, a pixação se expõe como meio de afronta ao poder público e à esfera privada sendo um ato político na essência, pois intenta denunciar a segregação espacial realizada por ambas esferas à medida que se utiliza desses espaços para propagar suas identidades com o uso de uma linguagem desconhecida.

O aumento do número de assinaturas que se apresenta na cidade não permite quantificar com exatidão quantos sujeitos já pixaram ou graffitaram os muros, entretanto, a partir da observação empírica é possível identificar aqueles que estão em atividade e renovam suas marcas numa certa periodicidade. Como exemplo, pode-se citar as assinaturas de “Risa”, “Miss Risadinha”, “Minero”, “SPR” e “Kami” com um grande número de pixos e grafittis na cidade.

Com a finalidade de discutir como os pixos e grafittis se expõem de forma diferente na cidade, retoma-se a abordagem da segregação espacial que se verifica em Alfenas-MG. O centro localizado numa área privilegiada é organizado em função do comércio e como

concentrador dos serviços especializados, em razão desses fatores possui um valor da terra elevado (CORRÊA, 1989) por condensar as atividades econômicas sobretudo do setor terciário. Por concentrar os espaços de decisão, circulação e uma elite residente, a ação municipal se preocupa em gerir um espaço organizado onde os sujeitos estão condicionados ao consumo e ao exercício do trabalho.

Em razão a essa centralidade onde a vida cotidiana se estabelece corriqueiramente, há um desejo dos pixadores em assinar muros de escolas, esculturas de praças, pontos de ônibus e praças localizados no centro com o objetivo de serem notados através do pixo pelas pessoas que passam. Há nessa relação, uma dualidade entre os diferentes usos dos espaços de acordo com o período do dia. Uma vez que a pixação é feita no período da noite quando há um esvaziamento de pessoas, e em razão da prática ser considerada crime de vandalismo, os sujeitos percebem essas grafias somente à luz do dia quando retornam ao centro para trabalhar.

Entretanto, como ressaltado acima, as esferas públicas e privadas buscam assegurar uma paisagem urbana onde não haja interferência estética e apropriação dos espaços públicos por meio de práticas consideradas desvirtuantes. Segundo Leal (2022, p. 250), “essa condição de ‘estar fora’ faz com que aquilo que é tido como sujeira ou desordem represente um risco e, por isso, é considerado como perigoso e como algo a ser eliminado”. Essa consideração coletiva de que o pixo é visto enquanto sujeira reforça o estereótipo vinculado aos sujeitos que são vistos como “vagabundos” e “arruaceiros” e que só querem destruir o patrimônio público fazendo vandalismo. A figura abaixo procura demonstrar uma das pixações realizadas num barracão localizado na Avenida Lincoln Westin, uma das principais avenidas que dão acesso aos bairros da zona Leste e ao centro.

Figura 2: Pixo no Barracão da Antiga Estação Ferroviária de Alfenas-MG.



Fonte: Autora, 2024.

Considerando a pluralidade das formas pelas quais os sujeitos podem se expressar na paisagem, torna-se viável analisar como as instâncias pública e privada lidam com a presença dessa linguagem na cidade, onde há um conflito entre o uso do espaço para expressão do sujeito e a necessidade de conceber um espaço higienizado.

A pixação acima esteve envolvida numa polêmica com o pré-candidato a vereador Pedrinho, que transmitiu uma live denunciando aos seus seguidores essa pixação realizada num Patrimônio Histórico Cultural. A partir dessa publicação, o pré-candidato de modo sensacionalista procurou incriminar o autor na tentativa de se promover politicamente com os apoios recebidos da população que vem reclamando dessas inscrições pela cidade. Com isso, constata-se que a presença dos pixos é uma expressão cultural que incomoda os políticos conservadores da cidade, onde a apropriação dos muros é vista como um problema a ser solucionado pelo poder público municipal e policial, a partir do distanciamento dessa prática enquanto expressão cultural.

Abaixo, a figura 2 procura demonstrar como a articulação entre esfera pública e privada vem lidando com as pixações na cidade. A praça Fausto Monteiro onde se

localiza a COPASA (Companhia de Saneamento de Minas Gerais), é comumente alvo dos pixadores em razão à sua centralidade e onde havia a maior densidade de pixos na cidade.

Figura 3: Praça Fausto Monteiro e empresa COPASA.



Fonte: Autora, 2024.

A presença dos funcionários realizando a cobertura dos pixos expõe o problema que a pixação representa para o poder público e privado à medida que consideram a aglomeração dos pixos como sujeira e poluição visual. Buscando entender como a articulação das duas esferas ocorre na tentativa de conservação do patrimônio público, uma conversa com os funcionários foi realizada para compreender os desdobramentos das ações públicas e privadas, bem como a percepção da pixação pelos trabalhadores.

Quando perguntado sobre quem são os sujeitos e as motivações pelas quais realizam a pixação, um deles diz:

“Esse aí é os vandalismos, o povo da rua que faz isso aí, sujam tudo. Aí a prefeitura manda arrumar, pintar, aí depois eles vêm e passam tinta de novo. Eles não têm o que fazer, às vezes pode ser mania, doença, não sei, acho que eles têm

prazer. Vem aí de madrugada, às vezes é a própria pessoa que não gosta da prefeitura, vem e pixa. Isso aí é raiva do prefeito. Teve uma vez que nós pintamos ali, escreveu [sobre o prefeito] e mandou a gente vim correndo pra pintar”.

Essa fala demonstra que há uma preocupação do poder público em assegurar a imagem do prefeito livre de difamações proferidas por meio da pichação. Geralmente quando a comunidade de pixadores resolve expor as figuras políticas do município, as letras do alfabeto convencional são utilizadas na intenção da mensagem ser compreendida pela sociedade. As assinaturas visualizadas na imagem são um tipo de pichação, em que a intenção é expor a identidade pela qual o sujeito se apropria e as letras não são tão legíveis.

Os funcionários da prefeitura aproveitaram para falar como ocorre a união do setor público junto à COPASA para realizar a cobertura dos pixos: “Tem que esperar chegar o material, dizem que a COPASA vai dar, mas tem que ser uma tinta boa para cobrir isso aí. Às vezes a gente demora pra pintar porque vai demorar pra chegar a tinta”. Nesse caso, o fornecimento das tintas fica a cargo da empresa e a mão de obra pelos funcionários da prefeitura devido à instalação da empresa se dar na praça.

Apesar da vinculação da pichação com vandalismo e baderna, o mesmo não se aplica aos grafitis que possuem uma elaboração composta de mais elementos, cores e sombras. Há no imaginário popular uma aceitação e aproximação do graffiti com a arte que permite a maior durabilidade dessas expressões no espaço se comparado aos pixos. É como se a pichação fosse de sujeitos desocupados e o graffiti de artistas, entretanto, essa separação não corresponde à realidade, na qual se verifica nos muros e demais estruturas a coexistência de pixos e grafitis realizados pelos mesmos sujeitos, porém, em espaços diferentes da cidade.

Em decorrência da maior aceitação popular dos grafitis sobre os pixos, as expressões do tipo “grapixo” vem se apresentando cada vez mais nos muros de Alfenas-MG. Esse modelo de grafia combina elementos da pichação e do graffiti, com o uso de cores diversificadas, letras pontiagudas e mais legíveis, desse modo, a elaboração do grapixo exige outras habilidades além das assinaturas características do pixo. Abaixo, a figura 4 exhibe o estilo do grapixo:

Figura 4: Grapixo no muro de uma quadra de esportes.



Fonte: Autora, 2024.

Esse estilo de grafia vem sendo realizado nos bairros onde há uma população mais pobre e onde comumente são realizados eventos culturais que fomentam esse tipo de expressão na cidade. Ações que mobilizam o fortalecimento da cultura popular vem sendo realizados com uma certa frequência nesses bairros, onde há além de espaços destinados para a pixação, acontecem batalhas de rima, apresentações de breaking e manifestações culturais em sua pluralidade.

À luz de conceber um espaço onde a reunião entre pessoas que se identificam numa determinada cultura, as relações sociais se reproduzem na tentativa de usufruir a cidade em suas amplas possibilidades, incluindo aqui, o poder e direito do sujeito se expressar culturalmente. Essas práticas que vão na contramão da utilização do espaço somente enquanto meio de exercício da classe trabalhadora, expõe a revolta e a resistência da camada popular frente à alienação do cotidiano programado imposto pela dinâmica da cidade, onde Carlos (2014) define essa cotidianidade e a relação com a cidade como “potência estranha”.

Além disso, a realização desses espaços retoma a discussão sobre territorialidade proposta por Haesbaert (2011) na definição de território a partir da vertente culturalista como “cultural ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais

subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido” (HAESBAERT, 2011, p. 40). Sendo assim, a noção que compreende território perpassa pelas formas culturais expressadas pelos sujeitos na intenção de produzir um significado, podendo integrar nessa perspectiva, as grafias do tipo pixação, graffiti e grapixo já explicadas anteriormente.

As assinaturas e desenhos verificados na cidade podem ser interpretados a partir do enlace entre conjuntura espacial material que segrega e determina os modos de viver em cada território da cidade e de natureza simbólica e identitária, na qual os sujeitos se entendem como formador do cenário urbano e como atores que buscam denunciar por meio do pixo as desigualdades no acesso à cidade, ampliando as possibilidades de experientiação espacial reprimidas pela lógica do capital. Desse modo, os sujeitos por meio da pixação se apropriam de determinados pontos na cidade de modo invasivo para expor sua identidade através de um codinome e, a partir deles, estabelecer uma rede que sinaliza a presença de sujeitos marginalizados nos espaços públicos e centrais.

A compreensão de territorialidade nesse caso se faz necessária para compreender a pixação como expressão cultural e a forma na qual participa dos elementos estruturadores do cenário urbano, a partir disso, Haesbaert (2011, p. 95-96) completa que:

“Poderíamos dizer que o território, enquanto relação de dominação e apropriação sociedade-espço, desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômico mais ‘concreto’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’. Embora seja completamente equivocado separar estas esferas, cada grupo social, classe ou instituição pode ‘territorializar-se’ através de processos de caráter mais funcional (econômico-político) ou mais simbólico (político-cultural) na relação que desenvolvem com os ‘seus’ espaços, dependendo da dinâmica de poder e das estratégias que estão em jogo. Não é preciso dizer que são muitos os potenciais conflitos a se desdobrar dentro desse jogo de territorialidade.”

Nessa compreensão, portanto, a pixação e o graffiti se articulam como meio do sujeito se apropriar dos espaços onde sua presença é historicamente negada, podendo configurar e reproduzir esses espaços conforme as bases culturais as quais fazem parte.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão que se expõe, espera-se que o debate acerca das formas de expressão por meio do pixo e do graffiti possam ser pensadas por outro viés para além da sua prática vinculada ao vandalismo. Como meio de caracterizar os grafismos presentes na cidade de Alfenas-MG, foi possível verificar que as inscrições dos sujeitos se diferenciam espacialmente a partir da escolha dos lugares para realização da arte.

À medida que a pichação se expandiu das metrópoles para cidades médias e pequenas, considerando o início dessas expressões na ditadura civil militar brasileira, é possível verificar uma transformação nas formas pelas quais os escritos são expostos na paisagem, sendo a relação espaço-tempo inerente a tal transição.

Uma das motivações para a realização da pesquisa se dá a partir da necessidade de discutir como a pichação e o graffiti vêm se espacializando nas cidades de porte médio, onde Alfenas-MG se insere na sua conjuntura regional. Nesse sentido, verifica-se que há diferenças nas formas que a pichação se realiza em centros como São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, cidades onde há diversas pesquisas que se debruçam para a interpretação desses grafismos.

Buscando entender como o pixo participa da vida cotidiana dos sujeitos, propõe uma leitura que segue uma linha transgressora acerca das vivências e experiências ditadas pelo capital e que se espacializam nas relações cotidianas na cidade. O trabalho procura interpretar a pichação como uma das formas diferentes de se vivenciar o espaço urbano, fazendo com que as relações se fortaleçam no valor de uso dos espaços e as possibilidades dos sujeitos se expressem culturalmente.

Apesar das inscrições e os sujeitos estarem vinculados à imagem de “moleques” e “desocupados”, os interstícios da prática podem ser interpretados a partir da Geografia e seus vieses críticos na intenção de valorização das práticas humanas à medida que essa ciência proporciona uma leitura espacial que integra as relações de ordem socioeconômica, política e cultural.

5. REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B.; RIGOTTI, J. I. R.; CAMPOS, J. Os níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais. Curitiba, **Ed. UFPR**, n. 13, p. 7-18, 2007.

BRANQUINHO, E.S.; MACHADO, M.P.; MINI, A.T. A relação centro-periferia e a formação de novas centralidades em Alfenas-MG. **Boletim Alfenense de Geografia**. Alfenas, v.3, n.6, p. 134-158

CARLOS, A. F. A. O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade. **GEOUSP - Espaço e Tempo**. São Paulo, v.18, n.2, p.472-486, 2014.

CÔRREA, Roberto Lobato. O espaço urbano. 4. Ed. São Paulo: **Ática**. 1989.

GARCIA, E. Pesquisa bibliográfica versus revisão bibliográfica - uma discussão necessária. Cascavel, **Línguas e Letras**, n. 35, v.17. p. 291-294, 2016.

HAESBAERT, R.C. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro, **Bertrand Brasil**, 2011.

LEAL, Gabriela. Entre os riscos nos muros e os riscos da lei: reflexões sobre graffiti, pixação e empreendedores morais em São Paulo. **Revista Antropolítica**, v. 54, n. 1, Niterói, p. 236-258, 1. quadri., jan.-abr., 2022

PIRES, A. O. S. A pixação como apropriação da cidade: o pixador como formador do cenário urbano. **TCC - Universidade Federal de Minas Gerais**, p. 173. 2017.

SPOSITO, M.E.B.; SILVA, W.R.S. Perspectivas da urbanização: reestruturação urbana e das cidades. In: CORRÊA, Roberto Lobato. Cidades médias e rede urbana. 1. Ed. Rio de Janeiro: **Consequência Editora**, 2017.